

procura antes descobrir o espaço em que se encontra. Tateia pela superfície do papel, analisando cada fragmento, cada irregularidade, cada milímetro, procurando compreender o espaço em que se encontra, o mundo que a rodeia. E nessa pesquisa constante, lenta e meticulosa, cria-se um rasto, não de um percurso, mas de uma superfície tecida, espessamente preenchida, entretecida com solidez e repetição, até se tornar numa trama, numa superfície densa. Uma camada que não pretende ir a lado nenhum, que se constrói na procura de entender o que existe. Uma superfície que se apresenta finita apenas pelo limite da folha de papel.

Há desenho que se expande e cobre, dilatando-se por todo o espaço que pode, preenchendo tudo e ainda mais, tudo tomando e tudo completando. Um desenho enorme e complexo que avança por toda a superfície e que parece nunca acabar. Acaba, ou consome-se, por ter extremos e fronteiras que conseguimos identificar, que resulta visível pelos limites do papel. O que vemos constrange-se pelas dimensões da folha de papel, que existe no nosso tempo presente, do instante, numa realidade que se pode medir, e que por isso é finita. Opõe-se na existência de um desenho cuja intensidade e constância de linhas, marcas, gestos, continuidades e repetições montam essa superfície longa, larga e profunda que constrói um espaço enorme e complexo que se expande para além dos limites palpáveis do algodão que constrói a folha. Como um rasgo que deixa ver para dentro de um outro corpo, extraordinário e silencioso.

Para mim a complexidade dos desenhos da Adriana, a exigência neles empregue, no rigor que nos solicitam as linhas, na sua intensidade de contenção, na repetição desconfortável, nos vazios que nos oferecem exigem de nós tempo. Tempo para parar. Tempo para ver. Parar imobiliza o tempo, desacelera o nosso relógio, abrandando os segundos. Acalma o nosso corpo, abrandando o desejo, aumenta o vazio, convida ao silêncio, termina.

Adriana Oliveira (2000, Guimarães),

licenciada em Artes Visuais, pela Universidade do Minho (2021).

Participou no Projeto Learn[in], que se dividiu entre a Alemanha, Itália e Portugal (2019-2020), e participou na exposição “Emergências”, inserida na Bienal Internacional de Arte Têxtil Contemporânea - Contextile 2020. Recentemente, participou na exposição coletiva Prémio Árvore da Virtudes, na Cooperativa Árvore (2021).



**museu
nogueira
da silva**

UNIVERSIDADE DO MINHO

Direção

Miguel Bandeira Duarte

Gestão de Coleções

Maria Helena Trindade

Serviço Educativo

Paula Góis Simões

Secretariado

Maria Emília Ferreira

Comunicação

Maria Alice Soares

Montagem

António Ferreira

Equipa Técnica

Maria Isabel Garcia

Manuel Moreira

Maria Fátima Santos

Norberto Quintino

Edição

Museu Nogueira da Silva

Impressão

Gráfica Vilaverdense

Artes Gráficas, Lda.

MNS

Unidade Cultural

da Universidade do Minho

Av. Central 61

4710-228 Braga

www.mns.uminho.pt

Informações

sec@mns.uminho.pt

253 601 275

Curadoria e texto

Natacha Moutinho

Agradecimento

Carlos Corais

De 12 de março a 30 de abril de 2022



ADRIANA OLIVEIRA

Tempos (i)limitados



**galeria
da universidade I um**

Tempos (i)limitados

Tempos (in)finitos

Como é que é possível, no nosso tempo cronometrado e cada vez mais reduzido encontrar formas, marcas, espaços, temporalidades infinitas? No nosso planeta a temperatura sobe, as calotes derretem, a seca expande-se, o nosso sol está em contagem decrescente, as guerras irrompem ainda... tudo tem termo de caducidade, tudo tem um fim. O tempo que temos também... navegamos por uma estrada que desconhecemos, num mundo que cada vez compreendo menos, a cavalgar a grande velocidade entre uma pandemia e uma guerra muito real.

Com os desenhos da Adriana parece que temos todo o tempo do mundo num tempo que está em contagem decrescente. São desenhos que nos convidam a ficar, a reter, a esperar. Convidam a uma leitura lenta, orientada pelas linhas na superfície, pautada pelas marcas no papel, interrompida pelas pequenas variações que registam pequenas vibrações da mão, do respirar, do entretecer dos riscos, e da fragilidade abrasiva do papel. Há uma linha que percorre o papel, depois uma linha e uma marca, depois uma linha, uma marca e uma vertical suave. Há um gesto que se repete e um outro que se acrescenta. Há um lápis que deposita a grafite sobre a folha, há um pincel, ou há um marcador fino e quase silencioso. Como se nos estivessem a propor uma outra velocidade, e a convidar a parar para pensar o tempo de uma outra forma. Como se fosse possível desacelerar quase até parar em resistência a um tempo que nos parece obrigar a acelerar, a correr, correr, correr, correr, mais depressa, mais intensamente, mais expressivamente, como mais intensidade, com mais energia, com mais resultados, com mais, sempre com mais.

Nestes desenhos encontro uma impossibilidade. Este modo de desenhar parece ser impossível de executar porque não parece fazer parte do nosso tempo contemporâneo que tudo come e tudo toma. Uma acção de desenhar suave, lenta, demorada, expandida até não ser possível mais ampliar o espaço e o tempo. Uma acção contrária ao nosso tempo actual. O desacelerar do tempo até à imobilidade. Como se o exercício de desenho fosse tão intenso num mundo que corre tão superficialmente. E é nestas formas que se combinam e se opõem em simultâneo que eu encontro uma ideia de infinito.

O caminho não é uma opção para a Adriana, antes pelo contrário, as linhas não andam para a frente, sem antes recuar, repetir, rever, repensar, refazer, reavaliar, criando uma superfície ocupada. Cada linha desenhada não tenta ir a lado nenhum,

